

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA PESSOAS LGBTI EM PORTUGAL: AS EXPERIÊNCIAS DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*Eixo Temático 35 - Violências Contra Pessoas LGBTI+: Reflexões a
partir da Pesquisa, da Prática Profissional e do Ativismo*

Sofia Neves¹
Mafalda Ferreira²
Edgar Sousa³
Rodrigo Costa⁴
Helena Rocha⁵
Cristina Pereira Vieira⁶
Janete Borges⁷
Joana Topa⁸
Lourenço Silva⁹
Paula Allen¹⁰
Ivo Resende¹¹

RESUMO

Através de uma metodologia qualitativa, 16 pessoas LGBTI residentes em Portugal foram entrevistadas com o objetivo de analisar as suas experiências enquanto (ex)vítimas de violência sexual por parte de familiares e/ou (ex)companheiros/as. Recorrendo a uma análise de conteúdo temática, os resultados mostram que os/as participantes sofreram violência sexual na infância, na vida adulta ou em ambas, sendo as pessoas trans as mais vitimizadas. O abuso de substâncias pela pessoa agressora, a idade precoce das vítimas e os sintomas depressivos estão também associados a uma maior probabilidade de ocorrência de um episódio de violência sexual. É por isso necessário assegurar uma

¹ Universidade da Maia/ CIEG-ISCSP/ Associação Plano i, asneves@ismai.pt;

² Faculdade de Medicina da Universidade do Porto/ CIEG-ISCSP/ Associação Plano i, maf_gonf@hotmail.com;

³ Associação Plano i, edgarsousap@icloud.pt;

⁴ Associação Plano i, rodrigo.psy.uac@gmail.com;

⁵ Associação Plano i, hmachador@gmail.com;

⁶ Universidade Aberta/CIEG-ISCSP, cvieira@uab.pt;

⁷ Universidade da Maia, jborges@ismai.pt;

⁸ Universidade da Maia/ CIEG-ISCSP, jtopa@ismai.pt;

⁹ Associação Plano i, mlourenco.silva95@gmail.com;

¹⁰ Associação Plano i, paula.allen.0977@gmail.com;

¹¹ Associação Plano i, ivomarquesrezende@live.com.pt;

intervenção especializada junto destas vítimas tendo em conta os graves impactos que podem enfrentar.

Palavras-chave: LGBTI; violência sexual; violência doméstica; violência interpessoal; Portugal.

INTRODUÇÃO

A violência sexual, como a prática de atos sexuais de uma pessoa contra outra sem consentimento pode incluir, entre outros, a produção e/ou compartilhamento de conteúdo sexual, forçando a exposição a assuntos ou comportamentos sexuais com outros e violação, por meio de ameaças, intimidações e, muitas vezes, uso de violência física (ARMSTRONG ET AL., 2018). A violência sexual afeta a saúde e o bem-estar geral das vítimas, a curto e/ou longo prazo, resultando em múltiplos impactos negativos, que podem levar à morte (BARKER ET AL., 2018).

Embora a violência sexual afete desproporcionalmente as mulheres (SALDIVIA ET AL., 2017), fatores como o nível de escolaridade, identidade e/ou expressão de gênero, orientação sexual e etnia podem aumentar o risco de ser sexualmente vitimizado/a (FIX ET AL., 2021). As pessoas LGBT são assim particularmente vulneráveis a sofrer discriminação e violência (European Agency for Fundamental Rights, 2020), especialmente por outros significativos e, com expressões significativamente mais altas em comparação com pessoas cis e hetero (CHEN ET AL., 2020). Do mesmo modo, verificou-se que as pessoas LGBTI enfrentam barreiras significativas na procura de ajuda (MUNSON & COOK-DANIELS, 2015).

As pessoas que são mais “facilmente” entendidas como LGBTI são mais propensas a sofrer violência sexual e a serem culpabilizadas pela mesma (DAVIES & HUDSON, 2011), algo que é especialmente evidente em mulheres trans (JAUK, 2013).

A invisibilidade que as pessoas LGBTI enfrentam e a respetiva falta de reconhecimento social (MOLEIRO ET AL., 2016), assim como o facto de muitas pessoas LGBTI que são ou foram vítimas de violência doméstica serem muitas vezes economicamente dependentes das suas famílias e, como tal, preferirem sofrer em silêncio a serem expulsas das suas casas, como é frequentemente o caso de crianças ou adolescentes LGBT e, a necessidade de terem de realizar um *coming out* forçado ao pedir ajuda, dificultam a

denúncia às autoridades (e.g., enfrentar o estigma, ser discriminado/a) (RODRIGUES ET AL., 2010). Uma vez que a violência doméstica, e particularmente a violência sexual, são experiências traumáticas que podem prejudicar a capacidade da vítima de usar estratégias de enfrentamento adaptativas, a intervenção especializada é crucial para atender às necessidades das vítimas (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA, 2020).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Entre fevereiro de 2020 e maio de 2021 foram entrevistadas 50 pessoas LGBTI, (ex)vítimas de violência doméstica. Os critérios de inclusão para participação neste estudo foram: i) ser uma pessoa autoidentificada como LGBTI; ii) ser ou ter sido vítima de violência doméstica; iii) ausência de deficiência cognitiva ou perturbação mental impeditiva de participação; iv) ser maior de 18 anos; v) falar ou compreender português. O guião da entrevista incluiu uma breve apresentação do estudo e foi subdividido em três partes: i) trajetória de vida; ii) trajetória de vitimação; e, iii) sistema de proteção às vítimas de violência doméstica LGBTI. Devido à pandemia de COVID-19, estas entrevistas em profundidade e semiestruturadas foram realizadas na sua maioria online, através de plataformas digitais como *Zoom*, *Skype*, *Google Meet* ou por telefone. Todos os preceitos éticos foram respeitados a fim de garantir o sigilo e o anonimato e resguardar os direitos e o bem-estar dos/as participantes, assinando ainda um termo de consentimento informado. Todos os dados foram transcritos na íntegra usando o *software NVivo Transcription* e posteriormente analisados por toda a equipe de pesquisa por meio da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011; BRAUN & CLARKE, 2006).

Participantes

Das 50 (ex)vítimas entrevistadas, 16 sofreram violência sexual. Mais de dois terços tinham nacionalidade portuguesa (n = 11), três eram brasileiras, uma era venezuelana e uma não identificou a sua nacionalidade. A média de idades da amostra era de 31.4 anos. Nove participantes identificaram-se como do género feminino, cinco como do género masculino e dois como não binários/as. Quatro eram gays, outras quatro eram lésbicas,

três eram pansexuais, duas eram bissexuais, duas eram heterossexuais e uma participante não definiu sua orientação sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência doméstica é descrita pelos/as participantes no primeiro tema, onde é possível compreender a existência de diferentes tipologias, inclusive a violência sexual (e.g., “*O meu ex-namorado agarrou o meu braço ao dar-me um beijo de despedida e ameaçou que o nosso relacionamento terminaria. Mais tarde, em casa, ele queria ter relações sexuais e eu não, por isso deu-me um estalo e me disse que eu era um pedaço de merda*” - pessoa não-binária, 21 anos). Tudo isso está de acordo com a literatura (AMARO, 2014) bem como os impactos que causam nas vítimas de violência doméstica, o que pode ser visto no segundo tema (MOLEIRO ET AL., 2016).

No que se refere à dinâmica da violência sexual, é possível compreender a pluralidade e diversidade destas vivências que evidenciam que em alguns casos as vítimas sofreram violência sexual perpetrada por múltiplas pessoas em diferentes momentos de suas vidas - pessoas do núcleo familiar (e.g., mãe), membros da família estendida família (e.g., tio) e pessoas conhecidas (e.g., filho de um amigo da mãe). Este padrão parece estar de acordo com a literatura, uma vez que muitas vezes a(s) pessoa(s) agressora(s) é/são alguém/pessoas próximas e conhecidas pela vítima (TESTA ET AL., 2012). Em consonância com estudos recentes (e.g., COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÉNERO & ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO FAMILIAR, 2020), a violência física também está presente (e.g., “*A minha mãe tocou no meu rabo e depois fez alguns comentários [...]. Até pedi para ela não fazer isso, mas ela disse «seu corpo é meu, quem manda sou eu [...] sexualmente era quase todo final de semana, ela me pressionava para...*”, mulher trans, 18 anos). É igualmente frequente a utilização de estratégia de coerção, manipulação e ameaças para restringir a vítima e fazê-la sentir-se isolada (e.g.; “*Ele trancava o WC e a cozinha para eu não ter acesso e fazer sexo com ele!*” - mulher trans, 24 anos) e sem resposta (e.g., “*O meu cérebro basicamente desliga.*” - mulher trans, 33 anos).

Essas estratégias utilizadas pelos/as agressores/as são descritas na literatura (e.g., MYHILL & HOHL, 2017) e levam as vítimas a vivenciar sentimentos de culpa e

responsabilidade pela situação vivenciada, também conhecido como *gaslighting* (e.g., “*Não me senti bem depois porque não tinha certeza do que era. Não sabia se era uma lembrança, se era minha imaginação...*”, gay, 28 anos), a normalizar a violência sexual, principalmente quando vivenciada em tenra idade (e.g., “*Lembro-me que deve ter sido até os meus oito ou nove anos, lembro-me de ter acontecido tanto que eu achava normal esse tipo de situação acontecer, com outras crianças também*” – homem gay, 39 anos) e medo de sofrer represálias caso denunciem a situação de violência sexual de que foram vítimas como, por exemplo, serem expulsos/as de casa.

É possível compreender que muitas das vítimas “bloquearam” as suas memórias traumáticas como mecanismo de defesa para enfrentar durante a vitimação. De facto, a dissociação foi considerada um aspeto comum relacionado a experiências traumáticas, particularmente à violência sexual, tanto na infância, quanto na vida adulta (GÓMEZ, 2019).

Por fim, no que concerne aos fatores precipitantes para a ocorrência de violência sexual percebe-se que o abuso de álcool, substâncias psicoativas e/ou medicação são fatores precipitantes que podem contribuir para a ocorrência de uma situação de violência sexual. Outros fatores precipitantes são a idade precoce das mulheres vítimas no momento de sua vitimização sexual e a presença de sentimentos de depressão (e.g., “*Comecei a trancar a porta porque estava deprimida, muito mal, deitada, sem energia.*” - mulher trans, 24, anos). Alguns desses riscos são descritos na literatura (e.g., BRECKLIN & ULLMAN, 2010) e indicam que em 67% dos casos de violência sexual, os/as agressores/as estavam sob o efeito de álcool e/ou drogas quando cometeram a agressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas LGBT são mais propensas a sofrer discriminação e violência em diferentes áreas de suas vidas, sendo o espaço doméstico e as relações familiares e íntimas exemplos disso. De acordo com esta pesquisa, pessoas LGBT vítimas de violência doméstica podem ser alvos de violência sexual, tanto na infância quanto na vida adulta, seja por familiares, (ex)companheiros/as ou ambos. Algumas são inclusive vítimas de violência sexual fora do contexto doméstico, por conhecidos ou desconhecidos em espaços públicos, o que pode ser percebido como uma punição por sua identidade de gênero ou uma forma de as “converter” em pessoas cis e heteronormativas. Alguns dos resultados apontam para vivências traumáticas associadas a essa tipologia de violência, bem como o medo de

denunciar, principalmente quando essa agressão ocorreu na infância ou adolescência, com o risco de a vítima não ser levada a sério e/ou ser expulsa de casa pela sua família

Este estudo constatou que a prevalência de violência sexual entre LGBTI vítimas de violência doméstica foi superior a três em cada dez vítimas. Nesse sentido, alertamos para a necessidade de intervir junto às vítimas LGBT de violência doméstica, tendo em vista a possibilidade de que tenham sofrido violência sexual em algum momento de suas vidas. Este estudo reforça a ideia da necessidade de realizar mais investigações sobre este flagelo social de forma a explorar em profundidade esta realidade e a sua prevalência, mas também o seu impacto nas vítimas, fazendo um cruzamento da violência sexual, enquanto tipologia presente na violência doméstica .

REFERÊNCIAS

AMARO, Fausto. Sociologia da Família. Lisboa, Pactor, 2014.

ARMSTRONG, Elizabeth; GLECKMAN-KRUT, Miriam; JOHNSON, Lanora. Silence, Power, and Inequality: An Intersectional Approach to Sexual Violence. *Annual Review of Sociology*, v.44, n.1, p. 99-122, 2018.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA. Folha informativa: Violência contra pessoas LGBTI+. Lisboa, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo, Edições 70, 2011.

BARKER, Lucy; STEWART, Donna; VIGOD, Simone. Intimate partner sexual violence: An often overlooked problem. *Journal of Women's Health*, v.28, n.3, p. 363–374., 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v.3, n.2, p. 77–101, 2006.

BRECKLIN, Leanne; ULLMAN, Sarah. The roles of victim and offender substance use in sexual assault outcomes. *Journal of Interpersonal Violence*, v.25, n.8, p. 1503–1522, 2010.

CHEN, Jeru et al. Sexual violence, stalking, and intimate partner violence by sexual orientation, United States. *Psychology of Violence*, v.10, n.1, p. 110–119, 2020.

COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÊNERO & ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA. Violência sexual nas relações de intimidade:

Manual de boas práticas. Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género & Associação Para o Planeamento da Família., 2020.

DAVIES, Michelle; HUDSON, Jenefer. Judgments toward male and transgendered victims in a depicted stranger rape. *Journal of Homosexuality*, v. 58, n.2, p. 237–247, 2011.

EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS. A long way to go for LGBTI equality. Publications Office of the European Union, 2020.

FIX, Rebecca; NAVA, Nancy; RODRIGUEZ, Rebecca. Disparities in adolescent dating violence and associated internalizing and externalizing mental health symptoms by gender, race/ethnicity, and sexual orientation. *Journal of Interpersonal Violence*, 2021.

GÓMEZ, Jennifer. High betrayal adolescent sexual abuse and nonsuicidal self-injury: The role of depersonalization in emerging adults. *Journal of Child Sexual Abuse*, v.28, n.3, p. 318–332, 2019.

JAUK, Daniela. Gender violence revisited: Lessons from violent victimization of transgender identified individuals. *Sexualities*, v.16, n.7, p. 807–825, 2013.

MOLEIRO, Carla et al. Violência doméstica: Boas práticas no apoio a vítimas LGBT: Guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas. Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2016.

MUNSON, Michael; COOK-DANIELS, Loree. Transgender sexual violence survivors: A self help guide to healing and understanding. Milwaukee, FORGE, 2015.

MYHILL, Andy; HOHL, Katrin. The “Golden Thread”: Coercive control and risk assessment for domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 34, n.21–22, p. 4477–4497, 2017.

RODRIGUES, Liliana; NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Violência em casais LGB – Estudo preliminar. Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género, p. 243-266. Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2010.

TESTA, Rylan et al. Effects of violence on transgender people. *Professional Psychology: Research and Practice*, v.43, n.5, p. 452–459, 2012.



IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

SALDIVIA, Claudia; FAÚNDEZ, Bárbara; SOTOMAYOR, Sebastián; CEA, Fredy.

Violencia íntima en parejas jóvenes del mismo sexo en Chile. *Última Década*, v.25, n.46,
p.184–212, 2017.